

HISTÓRIA E FICÇÃO NO ROMANCE *EM DESPROPÓSITO (MIXÓRDIA)*, DO ESCRITOR PARAENSE ABÍLIO PACHECO

HISTORY AND FICTION IN THE ROMANCE *EM DESPROPÓSITO (MIXÓRDIA)*, BY THE PARAENSE WRITER ABÍLIO PACHECO

Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT/ Tocantins-TO/ Brasil)¹
César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFT/Tocantins-TO/Brasil)²
Jacielle da Silva Santos (UFT/Tocantins-TO/Brasil)³

Resumo: Neste artigo, analisamos o romance *Em despropósito (mixórdia)*, do escritor paraense Abílio Pacheco (2013). Mobilizamos categorias da semiótica tensiva para a análise do modo como vai se constituindo a narrativa que se organiza de modo fragmentário, a partir de flashes da memória do narrador, atravessada pela rememoração de acontecimentos emblemáticos da história no sudeste paraense: o Massacre de Eldorado dos Carajás, a Guerrilha do Araguaia, a continuidade da ação de matadores de aluguel na região, sob a apatia ou a conivência do Estado. A notícia do assassinato de 19 trabalhadores rurais se faz simultaneamente a informações que revelam ao narrador protagonista verdades sobre sua origem. História e ficção literária dialogam para compor o enredo de violência no Norte do país.

Palavras-chave: Massacre do Eldorado dos Carajás; memória; literatura e história; semiótica; Ressignificações do passado.

Abstract: In this article, we analyze the novel *Em despropósito (mixórdia)*, by paraense writer Abílio Pacheco (2013). We mobilized categories from the strenuous semiotics for the analysis of how the narrative that is organized in a fragmentary way is constituted from flashes of the narrator's memory, crossed by the recall of emblematic events of history in the southeast of Pará: the Eldorado dos Carajás Massacre, the Guerrilla of Araguaia, the continuation of the action of hired killers in the region, under the apathy or connivance of the State. The news of the murder of 19 rural workers is made simultaneously with information that reveals truths about its origin to the protagonist narrator. History and literary fiction dialogue to compose the plot of violence in the North of the country.

¹ Doutora em Letras, docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins, coordenadora do GESTO (Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins). Desenvolve pesquisas em semiótica aplicada relativas ao ensino de língua e literatura, no momento priorizando produção de autores do Norte que tematizam a ditadura. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

² Doutor em Ciências Políticas, docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Tocantinópolis, realizou estágio pós-doutoral em semiótica (UFNT). Membro do GESTO (Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins). Desenvolve pesquisas relativas à Literatura de Testemunho. E-mail: cesarpolitika@mail.uft.edu.br

³ Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura PPGL/UFNT. Membro do GESTO – Grupo de Estudo dos Sentido/Tocantins. Mestre em Letras pelo PROFLETRAS/UFT. Professora SEDUC/TO. E-mail: jacyla03ale@gmail.com

Keywords: Eldorado dos Carajás Massacre; memory; Literature and History, Semiotics; Re-meanings of the past.

Introdução

Hoje o mundo é perfeito: não existem mais bandidos, existem acusados, investigados, réus confessos, réus condenados. Ninguém mais mata ou rouba ninguém. É 'teria matado', 'supostamente roubado'. Parece tudo muito bonito. O difícil é a vítima ouvir ser chamada 'suposta vítima'. (PACHECO, 2013, p. 62).

Ao se conceber a enunciação como “instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 166), marcando sua filiação aos estudos de Benveniste (2006), a semiótica a analisa, a partir das escolhas operadas pelo sujeito da enunciação, registradas no arranjo textual. É por meio dela que se mobilizam recursos e estratégias discursivas para operar sobre forma e conteúdo da linguagem, em um tempo e um espaço determinados social e historicamente.

Neste artigo, nosso interesse recai, assim, não apenas sobre os temas que compõem o romance *Em despropósito (mixórdia)*, do escritor paraense, Abílio Pacheco, mas, ainda, sobre o modo como faz para dizer o que diz, considerando os desafios que, por ele, são tomados para tratar de questões complexas: a violência na região, que emerge tão naturalizada quanto parece endêmica, sem anúncios de ruptura e, em grande parte, contando com a (in)ação do próprio Estado; assim como os dilemas do sujeito mesmo, narrador de primeira pessoa, ao confrontar-se com atordoantes questões pessoais, sob os auspícios do acaso ou do destino.

O título do romance de Pacheco já nos antecipa o caos passional do protagonista, inserido numa duração de natureza disjuntiva, exasperante, que o aturde. O acaso, no que poderia ser um verdadeiro despropósito, o faz não conhecer inicialmente a verdadeira mãe, o que o leva, mais adiante, a enamorar-se da irmã e vivenciar sua desgraça. Se o vocábulo “despropósito” remete a uma aleatoriedade, a algo que escapa a uma ação sem um objetivo razoável, o substantivo que o sucede, como numa adjetivação, acentua a

desorganização que caracteriza o estado passional do narrador e as tramas que se desenvolvem no interior paraense. No *Dicionário Online de Português*, nas duas primeiras acepções, “mixórdia” corresponde a “1. mistura de coisas variadas; misturada, mistifório, confusão, bagunça, barafunda, embrulhada; 2. Desentendimento; intriga; confusão” (2021, s/p). A terceira acepção, ligada a uma “comida de aspecto desagradável”, mantém o sentido disfórico do termo pouco usual.

A irmã (de nome Irma, num jogo já anunciado pela troca de vogal nasal por oral), é razão do desconcerto, da barafunda que aturde, entre outros acontecimentos, o estado de alma do narrador-personagem: “Eu, um sorófilo, involuntário, mas sorófilo. [...] Irma foi só quem amei até hoje não sei nem de que jeito. A Deus dada, coitada. Sorte não haveremos casado na igreja, vestido de noiva, véu de filó, flores frescas nas grinaldas” (PACHECO, 2013, p. 108).

As discussões acerca dos estudos dos sentidos à memória de acontecimentos históricos narrados como ficção presente na literatura paraense permitem-nos observar os efeitos de sentido criados pelas escolhas enunciativas. Também abordamos, mediante categorias da semântica discursiva, a relação entre as perspectivas do narrador e do enunciador, as filiações ideológicas relativas aos discursos que envolvem a interpretação de fatos históricos. Ao enunciar, o sujeito atualiza discursos que se confirmam ou se refutam, de todo modo, numa convocação polifônica que marca sua orientação ideológica. Buscamos, enfim, analisar formas de narrar o acontecimento, no exercício entre a memória e a ficção.

Sob essa perspectiva, tratamos, aqui, do romance *Em despropósito (mixórdia)*, de Abílio Pacheco (2013), tendo como objetivo principal, mobilizar categorias da semiótica para tratar da memória em relação à violência no interior paraense. Para isso, discutimos a construção da memória sobre o acontecimento histórico de violência, que molda as ações das personagens no romance apresentado, e mobilizamos categorias da semiótica discursiva para descrever, compreender e analisar a perspectiva que assumem essas narrativas em relação à experiência do vivido, a partir da ruptura abrupta que

esse acontecimento histórico inesperado causa na cotidianidade dos sujeitos, transformando-os significativamente.

Narrar e (re)construir a memória

A obra de Pacheco foi escrita em comemoração ao centenário de Marabá-PA, de acordo com o autor em entrevista, na qual evidenciou que sua intenção seria a de mostrar, por meio da narrativa, o poder do mal que assola a região no que diz respeito aos grandes e pequenos conflitos que marcam os habitantes do lugar⁴. Narrar, então, torna-se um caminho possível para acessar a memória, como lugar da reminiscência em que se permanecem ocultos não-ditos e silêncios forçados (POLLACK,1989). Nesse sentido, o enunciador que se revela no romance age contra o silenciamento, as narrativas que vivem na memória feita de sussurros em função do medo, assumindo ali a necessidade de serem enunciadas em prol de uma justiça social, considerando a perpetuidade das mazelas produzidas pela violência no estado do Pará, território amazônico do Norte do Brasil.

De um lado, encontra-se a personagem Bartimário, narrador de primeira pessoa, que segue aturdido com relação ao que o destino lhe reserva e que vê, a distância, os acontecimentos que impactam a vida do lugar. O massacre de 19 trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás está na ordem do dia, estampado nos jornais, no telejornal de alcance nacional. Mas esse fato traumático para os trabalhadores é sentido como um alheamento por Bartimário, que sofre com a descoberta inusitada de que sua companheira, Irma, é, também, sua irmã, e que sua mãe é outra, Ruth. Se, para o narrador, tudo se apresenta como um despropósito, fica explícito, não apenas pelo que declara em entrevista, mas pelo modo como os fatos históricos são convocados ao longo do romance, o propósito explícito que o enunciador assume ao convocar os acontecimentos emblemáticos da violência contra trabalhadores no Pará.

⁴ Entrevista realizada por César Alessandro Sagrillo Figueiredo e Jacielle da Silva Santos, via *Google Meet*, em dezembro de 2020.

Conforme registra a historiografia, sob ordens do comando da Polícia Militar, coronel Mário Colares Pantoja, os trabalhadores sem-terra acampados na estrada PA-150, que participavam de uma marcha que seguiria rumo a Belém, em função da demora na demarcação das terras, enfrentam armas e gás lacrimogêneo, alguns deles sendo mortos à queima roupa ou com armas e facões. No romance, a primeira nota a respeito da chacina chega pelo que seria uma reprodução de notícia na TV:

Assim, assistimos às duas últimas partes da novela e, sem nem dar-nos boa noite, ouvimos a voz de William Bonner: Eldorado dos Carajás. Final da tarde de ontem. Integrantes do movimento dos sem-terra se inflam durante o discurso de um dos líderes do movimento. Ele convoca os trabalhadores para a resistência. Foices, facões. O confronto se aproxima. Soldados do batalhão de choque da polícia militar se posicionam na estrada. Os primeiros tiros são disparados. Foi quando vimos, pela primeira vez, as cenas que se repetiriam por semanas, ou meses. Os sem-terra avançam jogando foices, paus e facões contra a polícia que responde com rajadas de metralhadora. Ela tinha parado por completo sua malinação comigo. O momento mais dramático é quando os invasores baleados caem. Mortos e feridos. Ela sacou de mim sua mão e com a mesma livrou-se da minha num rompante. A trégua é curta. Os sem-terra se refugiam num barracão. Escuridão e medo. Homens, mulheres e crianças falam ao mesmo tempo. O som do desespero. Sentada na pontinha do sofá e pronunciando palavrões, interjeições e algo meio revoltoso meio interrogativo. A repórter sai do Barraco e pede aos policiais que não atirem. Tem mulheres e crianças lá dentro. A polícia avança. Toma o equipamento, arranca a fita de dentro da câmera. Terminada a reportagem, virou-se para mim e queixou-se: Você está vendo?! Sim, eu via, mas de fato não via. Ou não via o que ela via. (PACHECO, 2013, p. 12).

No fragmento, a narrativa se faz célere ao reportar os eventos do massacre, pelo emprego de frases curtas, algumas inclusive nominais, que acentuam a tonicidade dos eventos, a violência e o terror da cena. O descanso do casal, Bartimário e Irma, é interrompido pelas cenas que chegam pela TV, como se o narrador emprestasse agora voz a outro enunciador, o locutor do Jornal Nacional, Willian Bonner, âncora e editor do telejornal de maior prestígio no país. Geralmente com notícias mais atentas a fatos que ocorrem, principalmente, na região Sudeste, a emissora voltaria, então, os olhos para o

Pará, tendo em vista o terror que é acompanhado pelas câmeras que comprovam a desigualdade de forças entre, de um lado, trabalhadores, com seus objetos de trabalho transformados em armas contra a polícia militar, e, de outro, a polícia, que segue a orientação para matar a todos, sem distinção de gênero ou faixa etária. Em meio à narrativa jornalística, essa voz do outro que emerge no texto, o narrador retoma observações relativas aos gestos com a companheira, a lembrança da “malinação” interrompida, assim como atesta seu alheamento, sua incapacidade de acompanhar Irma na mesma indignação, vendo sem ver.

Levado a escrever como recurso para sobreviver ao trauma da descoberta de incesto, o narrador vai desvelando, aos poucos, a trama: é fruto de estupro, perpetrado por Bartolomeu, que ainda marca a ferro a brasa o corpo da mãe, assim como o faz ainda com outras mulheres. Bartolomeu, como um miliciano que age a mando de coronéis e em parceria mesmo com agentes públicos, é ator em outros episódios, como o referido massacre em Eldorado dos Carajás e um outro, anterior, a Guerrilha do Araguaia:

Meu pai era um bandido. Durante a Guerrilha, apoiou a morte de terrorista, ajudou a polícia, matou para ter as posses que acumulou, violentou camponesas, fez abigeatos, assistia às torturas comprazendo-se como Boilesen, ajudava a dar fim do que restava das cabeças de papagaio. Era-me vexatório aquilo, asqueroso por demais. (PACHECO, 2013, p. 58).

A ficção de Pacheco usa dos recursos da verossimilhança com o intuito de elaborar uma tessitura que visa (re)compor o real vivido. Sua produção age no sentido de (re)construir sentidos pela convocação de fatos reais do passado recente, atravessados pelo relato ficcional. Conforme aponta Maciel, ao se reportar acerca das mobilizações e relatos das personagens na literatura do testemunho:

A confluência de incidentes que marcou a história das personagens na obra nos faz refletir sobre a complexidade do homem contemporâneo, seus dramas individuais e os traumas que perpetuam na memória durante toda a vida. Desse modo, o testemunho introduzido na narrativa aparece como um

arquivo da memória provindo de um mundo de experiências ficcionalizadas no relato. (MACIEL, 2016, p. 79).

Como trauma⁵, nem tudo pode vir à tona, dada a experiência dolorosa do sobrevivente. Num outro sentido, poderá emergir subitamente com maior intensidade, o que faz com que o sujeito sofra, seja ao tentar lembrar, seja ao lutar para esquecer. De todo modo, “a memória é sempre ‘imperfeita’, no sentido de sua incapacidade de comportar as ‘agudezas’ da experiência, enquanto acrescenta ressignificações” (SILVA, 2016, p. 141).

Ressalta-se, ainda, que, no caso da memória, esta configura-se mediante enunciações “já ditas”, as quais podem ser identificadas pelo comportamento, opiniões e ações do enunciador. Nesse sentido, podemos citar o narrador que recorre às memórias (relatos) dos sobreviventes de algum trauma e, a partir desses relatos, cria personagens e constrói sua narrativa de forma a evocar, pela ficção, uma memória coletiva, que se configura a partir de uma memória individual:

Toda a memória, primeiramente, é individual, pois necessita das chaves internas de cada indivíduo para ser ativada, ou seja, o indivíduo busca a partir das suas próprias reminiscências ativar as lembranças que melhor acionam a sua memória a fim de compor a sua identidade. (FIGUEIREDO, 2018, p.12)

Remetendo a Halbwachs (2006), a memória necessita ser ativada e compartilhada com vista a ser erigida como uma memória coletiva, devendo, imperiosamente, ser endossada pelo grupo, o qual afiançará a veracidade de seu testemunho. Assim, o leitor pode reconhecer, na literatura produzida por autores do Norte, a memória de eventos históricos ocorridos nesta região (FIGUEIREDO; SANTOS, 2020). A literatura registra, pelo viés ficcional, acontecimentos reais, inúmeras vezes silenciados pela história oficial e pelos grupos dominantes que não desejam que certas narrativas venham a lume

⁵ Destacamos que a palavra “trauma” vem do grego e significa “ferida”, originalmente no corpo, que não é facilmente tratável. Ao ser mobilizado esse conceito neste artigo, realçamos, que não pretendemos mobilizar elaborações psicanalíticas inerentes ao conceito, mas dialogar com a bibliografia que trata acerca dos traumas advindos de eventos históricos adversos e que são acionados, por conseguinte, por outras áreas, sobretudo, história e literatura.

(ACHÚGAR, 2002). Ecoa, portanto, como uma voz paralela, uma voz outra que diz, não apenas de outro modo, mas o que ainda não foi dito e não pode ser esquecido.

Guerrilha do Araguaia e Massacre de Eldorado dos Carajás

Ambos os eventos históricos que dão o tônus das narrativas do autor, no livro *Em despropósito (mixórdia)*, aconteceram no Pará. O primeiro evento denomina-se Guerrilha do Araguaia (1972-1975), ocorrido durante o período mais cruel da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tomando como modelo a Revolução Maoísta, planejavam principiar, a partir da mobilização de trabalhadores rurais, uma frente de combate ao governo ditatorial. A partir de 1967, lideranças políticas do partido que se encontravam na clandestinidade mudaram-se para a região do sudoeste paraense, misturando-se aos camponeses locais. Descoberta a operação, passaram a enfrentar a ação de militares organizados em diferentes frentes, até que o grupo foi dizimado:

De acordo com os próprios sobreviventes a Guerrilha do Araguaia foi uma epopeia de luta extremamente cruel, desumana e injusta, com as forças militares extremamente superiores e promovendo uma caçada implacável. Ainda, as forças da guerrilha não estavam amadurecidas para sofrerem tamanho revés com a descoberta das suas bases em 1972, assim como não tinham o anteparo necessário da população da região para sustentar o conflito. Ou seja, a guerrilha eclodira antes do programado, motivo este que desferiu um revés tão grande para os comunistas. Como resultado de todo o processo ocorreu dezenas de mortes, vindo a configurar as suas vítimas como desaparecidos políticos (FIGUEIREDO, 2019, p. 53)

Essa ação também pode ser compreendida como massacre, na medida em que poucas dezenas de militantes comunistas enfrentaram um forte aparato militar em luta extremamente desproporcional face às ínfimas forças dos guerrilheiros. Além da violência contra os militantes comunistas, a corporação militar tratou de imprimir uma força massiva sobre a população civil (FIGUEIREDO; GOMES, 2020), que recebeu tratamento semelhante ao dado

aos considerados pelo Estado como terroristas. Com relação às manobras de 1972 na área do conflito, o *Relatório Arroyo* fala na presença de 20 mil militares, em caçada a algo em torno de 63 militantes (MORAIS; SILVA, 2005).

Conforme declara José Genoíno, um ex-guerrilheiro do Araguaia (FIGUEIREDO et al, 2020), a população da região, sul do Pará, norte do Tocantins (então Goiás) e sul do Maranhão, não tinha conhecimento da mobilização política que ali se formava, não havendo, portanto, adesão ao projeto de combate à ditadura.

De acordo com o verbete “guerrilha”, no Dicionário de Política, esta, quando prolongada, só se torna possível “com a ajuda da população, persuadida por uma ideologia conforme seus sentimentos” (BOBBIO, 2010, p. 577), o que não se deu no Araguaia. O projeto de buscar a adesão dos camponeses à causa não chegou a ser realizado, mantendo-se os “paulistas”, como eram então chamados, anônimos quanto a suas respectivas identidades e intenções. Apesar disso, centenas de camponeses da região foram torturados, alguns foram também assassinados, muitos perderam suas terras ou a produção de suas roças, fragilizando inúmeras famílias, acusados de alimentar, ocultar ou dar alguma espécie de apoio aos guerrilheiros.

A gente tinha uma regra de ouro: ninguém da população sabia quem éramos nós. Nós éramos os paulistas, os mineiros, que estavam lá naquele movimento migratório, que era com a pecuária, com as posses de terra, com a madeira, com a caça. E a gente estava lá para fazer negócio. A gente estava lá para tocar a vida. Eu, por exemplo, era sobrinho do [João] Amazonas, que tinha lá o nome de Seu Cid. Ele era sócio do Oswaldão e, portanto, eu era sócio do Oswaldão. Então, a gente tinha, cada um tinha uma história, que a gente ia montando. Ninguém da população sabia a nossa condição política. A nossa relação era com base na confiança. A gente vivia do jeito que vivia a população, nossas casas eram iguais, a gente trabalhava na roça como eles, a gente caçava como eles, a gente comia como eles. A gente procurava fazer uma adaptação às condições da região. Mas ninguém mesmo sabia quem éramos nós, ninguém sabia. Era proibido saber quem éramos nós. (FIGUEIREDO et al, 2020, p. 281-282).

Tal conjunto opressivo legou à região uma interminável sensação de arbítrio e dor, somado, ainda, a um constante estado de insegurança e

violência, o que faz com que, mesmo transcorrido tanto tempo, a região se mantenha numa constante vigilância por órgãos extralegais, com o intuito de calar a população local (REINA, 2019; NOSSA, 2012). Ao mesmo tempo, esse impeditivo extralegal e não governamental inviabiliza que a população verbalize acerca da localização dos corpos dos desaparecidos políticos, fato este que lega a todos uma sentença: não saber, não falar e não recordar. O medo impede a reverberação das falas, conforme registra Nossa, ao falar da presença de um dos mais cruéis militares que combateram no Araguaia, conhecido como Major Curió: “Ele controlou a história dos mortos e a vida dos vivos. Ao mesmo tempo em que se apossou da memória da guerrilha, Curió tornou-se o senhor dos migrantes que saíam do Maranhão e atravessavam o Tocantins em balsas de buriti na busca de trabalho nos garimpos e clareiras” (NOSSA, 2012, p. 40).

Esse estado constante de medo generalizado inscreve-se na política de ocupação do território e posse das terras, conforme defende Campos Filho:

Em paralelo a essas ações desenvolvia-se uma disputa por terra que remonta ao final da década de 1960 e começo dos anos 1970. Fruto de uma política do regime militar, embasada nas fundamentações geopolíticas, principalmente de Golbery do Couto e Silva, mas submetidas à Doutrina de Segurança Nacional, estabeleceu-se dentro de uma ação de planejamento nacional, explicitada no I Plano Nacional de Desenvolvimento, um plano de Desenvolvimento da Amazônia. *Pari passu*, criou-se o Plano de Integração Nacional. (CAMPOS FILHO, 2014, p. 157).

De acordo com Campos Filho, além de todo o arbítrio produzido no período da Guerrilha do Araguaia, o Estado brasileiro ainda incentivou as disputas de terras na região, embasada por uma severa Lei de Segurança Nacional. O caudal dessa situação histórica e política emblemática, conseqüentemente, deixou a herança violenta pela disputa de terra: 1) de um lado, os camponeses sem o poder das armas e do capital; e, 2) por outro lado, os grandes latifundiários abrindo fronteiras agrícolas com total apoio das forças do Estado e com o dinheiro, sobretudo, com grande peso das armas. Dessa conjuntura, temos a região constituída como uma das zonas mais violentas do

Brasil, conforme dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) que, em 2019, registrou que “60% dos conflitos de terra ocorridos no Brasil em 2019 se deram na Amazônia, que também concentrou a violência extremada, com 27 (84,4%) dos 32 assassinatos registrados pela CPT” (CONFLITOS, 2020, p. 8).

Décadas após, no dia 16 de abril de 1996, ocorreu o Massacre de Eldorado dos Carajás, inserindo-se nessa conjuntura extremamente tormentosa para os camponeses. O massacre culminou com o assassinato de 19 sem-terra ocorrido no município de Eldorado do Carajás, no sul do Pará, decorrente da ação de policiais militares. Três meses antes do massacre, em 5 de março de 1996, as famílias haviam ocupado a fazenda Macaxeira – em Curionópolis⁶, município vizinho a Eldorado, ao mesmo tempo buscavam infrutíferas negociações com Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com o intuito de iniciar o processo de desapropriação da terra improdutiva. Sem respostas, os camponeses decidiram protestar na capital. De acordo com o ocorrido e relatos de moradores, cerca de 1,5 mil pessoas estavam acampadas na curva do S, em Eldorado do Carajás, sudeste do Pará, em forma de protesto. O objetivo era claro: marchar até a capital Belém e conseguir a desapropriação da fazenda Macaxeira, ocupada por 3,5 mil famílias sem-terra.

O que torna relevantes os relatos históricos decorridos é a forma com que o drama vivido irá se impregnar no imaginário da população e, no caso do texto de Pacheco (2013), ganhando eco na literatura:

A trama é o componente essencial da obra, e nela se concentra a atenção tanto do autor como do leitor. O contexto histórico “real” constitui-se somente no “contexto” das ações romanescas. Isso não significa que o “pano de fundo” não tenha qualquer valor, já que é nele que se encontram configurados todos os elementos fundamentais que determinam o tempo e o espaço, o ambiente e a atmosfera da obra. É do enfrentamento entre as personagens principais, de

⁶ A cidade recebeu esse nome em homenagem ao major Sebastião Curió, que fora o responsável militar pelo massacre da Guerrilha do Araguaia e que ganhara das Forças Armadas o mando do garimpo de Serra Pelada, maior jazida a céu aberto do mundo entre o final dos anos 70 e início dos anos 80. Em síntese, além de ter o poder militar e econômico, Curió ainda se transformara em grande expoente político na região (CAMPOS FILHO, 2014; NOSSA, 2012).

caráter puramente ficcional, e as secundárias, oriundas da histórica, que se originam alguns dos argumentos fundamentais da trama. Assim, um leitor mais atento percebe que os grandes eventos históricos têm repercussões diretas no cotidiano dos sujeitos comuns (FLECK, 2017, p. 44).

Em síntese, os acontecimentos ocorridos no estado Pará, tanto durante os anos 1970 quanto no final da década de 1990, são produtos de uma mesma configuração de força repressivas que visam, ao seu modo, a manter o poder local nas mãos de quem detém o capital. A força impelida pela violência extremada legou, portanto, esse cotidiano de medo e opressão, em que as palavras escritas procurarão, na medida do possível e do permitido, dar vazão para essas lembranças, contudo, com uma ressalva: a ficção tornar-se-á a expressão literária mais pujante, haja vista que a verdade real dos fatos não pode ser, evidentemente, revelada em face do arbítrio torcionário do Estado que se manteve ininterruptamente vigilante.

[...] a ficção literária e a história guardam entre si estreita solidariedade, como instâncias que são de representação da experiência humana e pela natureza basicamente narrativa de seus respectivos discursos, que encontram, na categoria do tempo o grande eixo estruturador. Da mesma forma, distinguem-se radicalmente pelo tipo de convenção que as organiza, isto é, a da veracidade para o campo historiográfico e a da verossimilhança para a narrativa literária. (MILTON, 1992, p. 09).

Nesse sentido, considerando o romance de Pacheco (2013), vemos que o enunciativo cruza acontecimentos reais e personagens ficcionais com o intuito de denúncia, não apenas quanto ao que ocorreu como também pela sua continuidade. O romance evidencia que as mesmas forças que atuaram nos anos 1970 continuam no poder no final dos anos 1990, anos do governo FHC, o que o faz mediante a figura de Bartolomeu, pai do protagonista. Bartolomeu é ator das duas situações, como de outras, que escancaram a continuidade das ações de crueldade e violência na região. A história de Bartimário soa, portanto, como pretexto para alinhar os eventos históricos.

Mesmo sendo vítima direta de um dos atores mais cruéis na narrativa ficcional, que figurativiza, de certo modo, personagens reais no contexto paraense, Bartimário se mostra quase alheio a seu passado, do mesmo modo que parece indiferente ao drama do massacre dos sem-terra, que, contudo, insiste em mostrar-se, pela TV, pelos jornais, pela manifestação que interfere no trânsito da capital, pelos diálogos com diferentes personagens, acentuando a crueldade e a assimetria das forças que levaram à chacina.

Deitado no hospital eu me recordava das notícias que me haviam entrado por ouvidos e olhos, nos dias entre nosso retorno de férias e nossa ida a Belém [...]. Quando a repórter lhe perguntou se alguns trabalhadores sem-terra haviam sido executados, ele respondeu que alguns foram mortos por outros instrumentos diversos dos projéteis de arma de fogo. Eles teriam sido dominados quando foram executados por aproximação com o uso de seus próprios instrumentos de trabalho. A voz, entre embargada e ponderada pelo peso das palavras ainda acrescentou acreditar na morte de dois trabalhadores com tiros claramente pelas costas, à altura da nuca. Os disparos contra tórax e cabeça não tinham objetivo de amedrontar, mas de abater mesmo. (PACHECO, 2013, p. 61).

Por seu caráter polifônico, entrecruzam-se vozes que ressoam diferentes percepções sobre os acontecimentos e, pela reiteração do que dizem trabalhadores, como um taxista ou um motorista de ônibus, fica explícita a adesão de muitos à violência do Estado. Na passagem que transcrevemos a seguir, o taxista alude, ainda, ao modo de agir durante o período ditatorial: sem deixar rastros.

Antes, quando havia citado ou questionado sobre a possível passeata, o taxista comentou a ação policial, dizia ter sido bem feito, fora pouco ainda, mas já era uma lição, eles aprendessem a não mexer no alheio... [...] Aposentado de não sei que força, dizia, no seu tempo, ser mesmo bom. Nós não ficaríamos presos em trânsito por manifestação alguma e a missão dos 100 não teria ocorrido. Muito à surdina tudo se resolvia. Havia o que havia – o senhor sabe – mas em muitos casos não fazíamos espetáculo, éramos discretos. A paz e a ordem pública deve ser como uma bela renda, vista feita, mas bordada em bastidor. (PACHECO, 2013, p. 36).

A personagem condena, assim, não o ato em si, mas a estratégia equivocada, a missão dos 100 soldados à descoberta, o que levaria o comandante e soldados a julgamento. No “tempo bom”, as ações se faziam na surdina. Para não deixar continuar na surdina, Pacheco escreve.

Construção da memória sobre o acontecimento

Conforme enunciado, o romance de Pacheco tem como narrativa principal um drama pessoal que envolve um episódio familiar, tendo como pano de fundo conflitos agrários, políticos e ideológicos do Sul e Sudeste do Pará. Com foco narrativo em primeira pessoa, o narrador-personagem cria um mundo imaginário que vive em conflito com o mundo real, uma vez que, fruto de um estupro, descobre que seu progenitor, assim como o de sua amada Irma, é um dos fazendeiros com participação direta e indireta em eventos cruéis.

A intensidade produzida pela revelação da relação incestuosa aturde a personagem, que vai recompondo, a partir da escrita de notas de terapia, o fio de sua própria história. Paralelamente, ressoam os acontecimentos de natureza histórica que atravessam a vida de Bartimário. Em função de seu próprio estado passional, o narrador não é capaz de elaborar uma narrativa linear, o que faz com o leitor apenas aos poucos vá compreendendo as articulações da trama.

[...] a vida é esse embaraço. A gente nunca está num lugar exato. O normal do mundo é a bastardia, enteadoismo, adoção. Irmão postiço. Meio-irmão. Step-brother (o meio irmão do meio irmão não é irmão meu). Patinho feio. Super homem. Harry Potter. Às vezes, é pior. Ou: às vezes, é ruim. Édipo, por exemplo. O desditoso rei, o mais infortunado dos mortais, o mais infeliz entre os desventurados, por ter partilhado o tálamo de sua própria mãe (PACHECO, 2013, p. 105)

Pegou umas páginas do meu escrito, ergueu a altura de nossos olhos, sacudindo as folhas flácidas, e colocou novamente sobre a mesa enquanto me dizia aquilo ser prova de minha melhora, de minha cura. Todo seu ódio ficou aqui. Decantado, destilado. (PACHECO, 2013, p. 104).

A terapia o leva a escrever, mas, seguindo o ritmo determinado pela memória, a tarefa se apresenta como uma mistura, numa sequência um tanto caótica que o leitor deverá organizar: “Olhe, sua escrita é uma mixórdia. Quem ver nisso defeito não entendeu a proposta da narrativa. E disse para eu relaxar. Eu relaxei, mas eu não tinha proposta nenhuma. Fui escrever para a doutora e pronto. Não houve plano, projeto” (PACHECO, 2013, p. 90).

Dialogando com o narratário, como quem convoca o leitor, o narrador se justifica: “Eu não escrevi esse livro na ordem que você está lendo. Isso aqui não é um romance. São notas de terapia. É preciso dizer isso” (PACHECO, 2013, p. 85). Seguindo a advertência, que comparece já ao final, mesmo essa (des)ordem não corresponderia ao ritmo com que produziu o relato.

Ao retomar o momento mais tenso, posterior à descoberta de que Irma era sua irmã, ao que se segue a interdição, o afastamento, com Noemi levando embora todos os pertences da casa que os irmãos compartilhavam, o texto apresenta uma passagem em que se faz mais intensamente fragmentário, em sequência de enunciados caóticos. Se, desde o início, as peripécias de natureza subjetiva e particular do narrador se misturam à exterioridade da ordem dos acontecimentos históricos, nesse momento isso se faz de modo ainda mais intenso, caracterizando a vivência do acontecimento e seu caráter abismal, paroxístico, como se o sujeito fosse, no intervalo de sua duração, destituído de sua condição de sujeito e, portanto, da capacidade de dar sentido. Do longo parágrafo, selecionamos apenas uma parte, para remeter à transformação que se marca no plano da expressão e do conteúdo no período que se sucede ao desvelamento da identidade materna:

Durante todo aquele ano eu estava propício a dismantelo. Tudo se desordenava, tudo o antes e tudo o novo. No chão de Eldorado dos Carajás, ficaram 19 mortos. Irma foi-se a Belém e lá ficou para sempre, sempre. Também umas quantas dezenas de pessoas feridas. Depois morreram mais. Mutilados mais uns. Aquela lista era só amostragem. Registro. Para jornal e História. Os dois nomes sob a unha vermelha indicados no jornal. Ruth mandava Nô pôr ordem em caos. Defendia. Apartava. De revés, o ônus inverso, a legítima defesa contra o arsenal de pistolas-bufete, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. A força de Bartolomeu e seus

enconchavados. A marca da bunda ferrada a metal chiando. [...] O Pacífico é o oceano mais violento. A guerra dos cem anos durou cento e seis. (PACHECO, 2013, p. 81).

Conforme revela o narrador, o acontecimento não apenas embaralha e impede a compreensão do agora, mas também do passado. Essa desordem se mostra pela aparente incoerência da sequência das frases curtas, sem coesão, como também pela intromissão de comentários aleatórios, como o que remete ao oceano Pacífico ou à guerra dos cem anos. Tudo se mistura na intensidade do sujeito do sofrer, impotente para discernir e, por isso mesmo, narrar.

Narrar funciona como o alívio para as dores que insistem em aparecer no presente. Esquivar-se da memória de eventos traumáticos que moldam a vida do sujeito do sofrer, torna-se uma luta diária à personagem. Winter (2006, p.25), ao citar Nietzsche, reflete que esquecer é a condição de um ser saudável, fazendo oposição à memória do inimaginável. Sendo assim, esquecer é “vida”, ao passo que lembrar causa “dor” e faz oposição à vida. Apesar do esforço do narrador-personagem, uma dor latente e pulsante insiste em permanecer na lembrança, no agora, nada mais é que a morte do sujeito. Nesse caso, narrar não anula o que houve, no entanto, o sujeito necessita partilhar para poder organizar o caos, produzir sentido, prosseguir, como questão de sobrevivência.

Nessa direção, negação, incerteza de sentimentos e atordoamento são características de um lugar comum após a irrupção do fato ocorrido. Empregamos aqui a noção de acontecimento atualizada por Zilberberg (2011), que o assinala como um evento de curta duração, inesperado e potente, a derrotar, momentaneamente, o sujeito pela violência dos afetos que convoca. Apesar de possuir um tempo curto para o sujeito do sofrer, seus efeitos são potentes, dada a tonicidade com que atuam sobre a sensibilidade. Pela contundência do vivido, pode permanecer afetante por força de sua tonicidade que o torna feito memorável e a convocar a produção de sentido (SILVA, 2016). Conforme Zilberberg, na sua vivência, não há legibilidade possível, que só pode advir quando o impacto arrefece, perdendo sua “agudeza”:

O acontecimento não pode ser *apreendido* se não como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo logo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização, isto é, primeiramente na memória, depois, com o tempo, na história, de maneira que, *grosso modo*, tal acontecimento ganhe em legibilidade, em inteligibilidade, o que perde paulatinamente em agudeza. (ZILBERBERG, 2011, p. 169).

O acontecimento rompe e desestabiliza o sujeito. No caso de Bartimário, a intensidade se atenua com o passar dos anos, mas não perde sua força desestabilizadora. O sobrevir, neste caso, intensificado por uma sucessão de eventos traumáticos, levam, conseqüentemente, o narrador, na vivência do acontecimento, ao desespero. A trama se desenrola lentamente a partir de seu conflito pessoal, que mistura as lembranças de seu passado violento com as histórias da região em que vive.

Pela desordem da narrativa e a intensidade dos afetos compartilhados, o leitor é convocado também a participar do estado de aflição que se prolonga, só aos poucos encontrando pistas que desvelam o que aturde o narrador.

É uma narrativa passional, em que o sujeito do trauma vai revelando, aos poucos, sem dizer muito, toda a dor que o envolve. Segundo Zilberberg (2011), o intervalo entre o esquecimento e a rememoração traz uma certa desaceleração à narração dos eventos traumáticos, ao passo que as lembranças aceleram e intensificam a modalização do sujeito do sofrer. Durante o romance, o narrador deixa claro sua dor, trauma e o ódio - “o ódio de meu pai não aclarava” (PACHECO, 2013, p. 91) – bem como demais sentimentos que permeiam a memória das vítimas sobreviventes desses acontecimentos de violência.

Viver em um mundo paralelo (o do esquecimento) torna-se positivo para os envolvidos no drama. No entanto, negar é afirmar a dor, já que ela é do agora. O sujeito do sofrer deseja retomar sua vida, mas, a todo instante, é impedido pelos fatos de seu passado, o que o leva a intensificar o ódio e o desejo de morte, seja dos acontecimentos de violência que marcam seu passado ou de sua vida presente: “há cerca de três anos, nesta mesma época

eu só desejava morrer” (PACHECO, 2013, p. 107). O desejo de morte é intensificado e ele pensa em suicídio, embora admita não ter coragem para isso. Atordoado pelos recentes acontecimentos, sofre um acidente ao tentar descer de um ônibus em movimento. Após o ocorrido, passa a viver em estado de dormência: “Vivia, vivo, numa anestesia afetiva geral” (PACHECO, 2013, p. 90). Da subitaneidade da descoberta sobre sua condição de irmão de Irma, segue-se, então, a total apatia e confusão.

O espaço e o tempo da narrativa (aqui e agora) também possuem funções modalizadoras. Quanto maior o tempo em que o sujeito se distancia dos acontecimentos do primeiro trauma e também muda de cidade (espaço), maior é a dor carregada por ele no presente. Retomando Silva (2016, p. 145): “a memória é, assim, sempre do presente, construção de sentido de um agora”. Essa dor faz parte de seu ser e toda sua vida é centrada nela, seja para fugir ou camuflar, para reescrever e ressignificar sua história, sendo sufocada até o momento em que novos acontecimentos violentos, no caso, o massacre de Eldorado dos Carajás, fazem-no lembrar acontecimentos outros que marcaram sua infância. Bartimário tenta esquecer e ter uma nova vida, mas os noticiários e a latente presença dos conflitos na região atormentam-no a todo momento, na medida em que perduram ainda tunicamente, considerando que “a tonicidade não afeta apenas uma ‘parte’ do sujeito, mas sua integralidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 171).

Ao desenrolar da narrativa, lenta e intensa, percebe-se a intenção de fazer o interlocutor sentir a angústia que paira sobre todas as personagens. A leitura do romance leva o leitor, a todo momento, a sobressaltar-se, aquietar-se à espera da revelação daquilo que poderá destruir a vida programada por Mário/Bartimário. As revelações são feitas por meio de metáforas e jogo de palavras, mas, somente após uma leitura atenta, percebe-se as pistas deixadas pelo narrador. Nesse jogo de construção e desconstrução do eu-sujeito sofredor da enunciação, Mário vai se reconstruindo e retomando sua vida aos poucos. A dor é tamanha que o dilacera, faz não querer lembrar, mas a vida força-o a sentir, novamente, toda as dores de um passado que ele sempre quis esconder. É o que nos faz conceber o vivido pela personagem como

acontecimento, na medida em que “o acontecimento, quando digno desse nome, absorve todo o *agir* e de momento deixa ao sujeito estupefato apenas o *sofre*” (ZILBERBERG, 2011, p. 171). Para atormentar ainda mais o sujeito do sofrer, as pessoas que tenta, a todo momento, esquecer, aquelas que fazem parte das sombras de seu passado, vão reaparecendo sutilmente em sua vida até que sua verdadeira identidade venha ao conhecimento do leitor e de todas as personagens envolvidas em sua vida presente, nos flashes da memória. Lentamente, esses fragmentos vão tomando forma e fazendo sentido para o leitor.

Muitas das histórias desse trecho, tão repetido por mim, são pouco agradáveis de se contar. Delas, das genéricas, pouco ou nada devo explanar aqui; apenas digo que devido a elas eu não costumava dormir antes de chegar a Jacundá. (PACHECO, 2013. p. 7).

Metaforicamente, o narrador deixa pistas sutis, cabendo ao leitor atento conseguir montar esse quebra-cabeças, paulatinamente, à medida em que as notícias de jornal do massacre dos sem-terra vão se misturando à narrativa principal, forçando o narrador a falar quando quer esquecer. Passado e presente misturam-se na tentativa de não rememoração. Embora queira esquecer, o noticiário sobre o massacre traz à tona todos os outros crimes cometidos, como um mal que assombra e participa da vida cotidiana de todos os sujeitos envolvidos. A personagem criada por Pacheco emerge, pois, como representação de moradores afetados direta e indiretamente pelos conflitos da região, sendo, portanto, parte integrante dessa violência que o feriu.

Nesse cenário, o grande mal que assola a região é personificado pela figura do genitor, metáfora dos homens poderosos e perigosos da região, os quais, assim como a personagem, encontram-se envolvidos nas tramas de muitos conflitos no Norte.

Como sujeito passional, Bartimário vive as contradições entre o querer intenso, que caracteriza seu amor por Irma e o não poder/não dever ser, relativos às interdições morais. Embora fugindo à gravidade dos fatos, é levado

a dever saber a verdade, pelo desnudamento do segredo de seu nascimento, da identidade materna, da condição de Irma.

Vivendo a contradição entre querer e não poder, torna-se o sujeito do não querer-ser. Não quer importar-se com o massacre dos sem-terra, mas se importa; não quer desejar a irmã, mas deseja; quer esquecer seu passado, só que este se faz presente em cada escolha de sua vida. O sobrevivente ao acontecimento prefere o esquecimento, no entanto, esse querer nega a sua própria possibilidade, convocando as lembranças do trauma vivido individual e/ou coletivamente.

O aparente alheamento e indiferença do narrador à violência contra os trabalhadores encontram, por fim, sua justificativa, pensando no possível envolvimento do pai em mais uma ação cruel: “Não duvidava que ele estivesse envolvido naquilo dos sem-terra. Por isso me esquivava de saber de política” (PACHECO, 2013, p. 81). Entre segredo e mentira, entre silêncio de covardia ou de adesão, o romance põe o dedo em muitas feridas, antevendo outras, porque a história de exclusão e violência ainda dá o tom nas terras ao norte.

Considerações finais

Para Seligmann-Silva (2006), narrar as reminiscências torna-se necessário para o sujeito do trauma, pois é preciso compartilhar para se sentir resgatado, para tentar voltar a vida, anteriormente suspensa pelo fato ocorrido. Reiteramos que, nas vilas e nas pequenas cidades da região Norte do Brasil, ainda paira o “terror” de acontecimentos vivenciados outrora, os quais não foram para os livros de história, muito menos aparecem como testemunho jurídico, necessitando, pois, desses relatos para serem reverberados.

Tais acontecimentos permanecem nos becos, no silêncio da noite, em um olhar mais cauteloso dos cidadãos daquela região e, nessa direção, o testemunho literário cria a possibilidade de efeitos de natureza judicial: “*avec le témoignage, l’œuvre littéraire devient, selon la formule de Primo Levi, ‘un acte*

judiciaire' dont il convient d'analyser les spécificités⁷" (DETUE; LACOSTE, 2020, p. 3).

Nessa perspectiva, as reflexões acerca do romance *Em despropósito (mixórdia)*, de Pacheco, levam à percepção de como a intensidade dos eventos de conflitos no Norte vão modificando a vida dos sujeitos. Ali, o invivível e o impensável aparecem no romance em forma de drama pessoal do narrador, que traz, em sua origem, a marca da violência histórica no interior do estado. A intensidade do acontecimento traumático, reforçada por flashes da memória acionados pelas reportagens no jornal, leva a personagem Bartimário a um desespero tamanho que o faz desejar a morte, seja a própria, seja a do seu progenitor, ou a de sua memória. O acontecimento modifica não só a vida desse, mas de todos ao seu redor, de toda aquela comunidade.

Esse tipo de literatura torna-se, então, uma forma de justiça para os descendentes ou os sobreviventes de um passado doloroso, quase "inverossímil, inimaginável, invivível" (SELIGMANN-SILVA, 2006, p. 23), ou seja, as reminiscências, quando relatadas, não parecem condizer com a realidade. São tão desumanas que não parecem reais. Aquele que realmente vivenciou um trauma, que o sentiu diretamente, caso tenha sobrevivido, tem dificuldade para narrar, assim acontece com o narrador do romance.

A partir desse rememorar pela ficção, muitos testemunhos das vítimas que não foram corretamente ouvidas pela justiça e, nesse caso, poderiam se perder no imaginário sociocultural devido à falta de credibilidade dada aos sobreviventes, podem ser ressignificados. Igualmente, a ficção possibilitará dar o tônus e reverberação das falas àqueles que sentiram, ou ainda sentem, o medo mesmo por ter presenciado o terror, haja vista que as reminiscências coletivas teimam em exercitar temores.

Essa escrita, portanto, possibilita o registro do "indizível", sendo, conseqüentemente, um alívio para aqueles que não puderam fazer ecoar seu testemunho legal em face do arbítrio do terror.

⁷ Nossa tradução: com o testemunho, a obra literária se torna, segundo a fórmula de Primo Levi, 'um ato judicial' cujas especificidades convêm analisar.

Referências

ACHUGAR, H. La historia y la voz del otro. In. BERVELEY, J.; ACHUGAR, H. (org.) *La voz del outro: testimonio, subalternidade y verdade*. 2.ed. Guatemala: Latinoamericana Editores, 2002.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.

BOBBIO, N. *Dicionário de política*. 13 ed. Brasília: UNB, 2010.

CAMPOS FILHO, R. P. *Araguaia depois da Guerrilha, outra guerra*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

CONFLITOS no campo: Brasil, 2019. Goiânia: CPT Nacional/Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, 2020.

DETUE, F. ; LACOSTE, C. Ce que le témoignage fait à la littérature. *Europe Revue*, Témoigner en littérature, p. 3-15, 2016.

FERNANDES, F. F. *A escrita da dor: testemunhos da ditadura militar*. 166 f. Tese (Doutorado em Letras) – UNICAMP, São Paulo, 1992.

FIGUEIREDO, C. A. S. F. Juventude do Araguaia e as memórias da guerrilha: marcas do tempo na geração 68. *Juventude.br* (centro de estudos e memória da juventude), v. 14, p. 49-54, 2019.

FIGUEIREDO, C. A. S. F. A memória do testemunho e o cinema: representações cinematográficas da ditadura militar. *Revista Porto das Letras*, v. 4, n. 3, p. 9- 33, 2018.

FIGUEIREDO, C. A. S. F. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. *Revista EntreLetras* (Araguaína), v. 11, p. 7-27, 2020.

FIGUEIREDO, C. A. S. F; GOMES, I. Camponeses atingidos pela guerrilha do Araguaia: os limites institucionais da comissão de anistia. *Revista Sillogés*, v.3. n.1, p. 248-271, 2020.

FIGUEIREDO, C. A. S. F; SANTOS, J. da S. Literatura do testemunho no Brasil: reflexões sobre a Guerrilha do Araguaia. *Revista Entreletras* (Araguaína), v. 11, n. 2, p. 300-316, 2020.

FIGUEIREDO, C. A. S. F; REIS, N. V.; SILVA, L. H. O.; SOUSA, P. C. L. Memórias da guerrilha do Araguaia: entrevista com José Genoíno. *Escritas: Revista do Curso de História*, v. 12, n. 2, p.274-318, 2020.

- FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história de ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- GREIMAS, Algirdas. Julian; COURTÉS, Jacques. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MACIEL, C. P. R. *Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub*. Opiniões, *Revista da UERJ*, n. 9, p. 74 – 80, 2016.
- MILTON, H. C. *As histórias da história: retratos literários de Cristóvão Colombo*. 1992. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- MIXÓRDIA. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mixordia/> Acesso em 21/02/2021.
- MORAIS, T.; SILVA, E. *Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- NOSSA, L. *Mata! O major Curio e as guerrilhas no Araguaia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PACHECO, A. *Em despropósito (mixórdia)*. Belém: LiteraCidade, 2013.
- POLLAK. M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n.3. Rio de Janeiro. Vértice, p. 3-15, 1989.
- REINA, E. *Cativeiro sem fim: as histórias dos bebês, crianças e adolescentes sequestrados pela ditadura militar no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2019.
- SARMENTO-PANTOJA, A. O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter. *Literatura e cinema de Resistência*, Santa Maria, n 32, p. 5-18, 2019.
- SELIGMANN-SILVA, M. (org). *Escrituras da história e da memória*. In: *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006, p. 205-225.
- SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Revista Psic. Clin.* Rio de Janeiro, v. 20, n. 01, 2008, p. 65-82.
- SILVA, L. H. O. Memória da Guerrilha: acontecimento e história. In: MENDES, C.M.; LARA G.M.P. (Orgs). *Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg*. Curitiba: Appris, 2016, p. 141-162.

WINTER. J. A geração da memória: reflexões sobre o 'boom da memória' nos estudos contemporâneos de história. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.